



CONTOS AFRICANOS

Sumário

A LUA FEITICEIRA E A FILHA QUE NÃO SABIA PILAR	2
A MENINA QUE NÃO FALAVA	3
A GAZELA E O CARACOL	3
O HOMEM CHAMADO NAMARASOTHA	4
O RATO E O CAÇADOR.....	5
OS SEGREDOS DA NOSSA CASA	6
TODOS DEPENDEM DA BOCA.....	6
UMA IDÉIA TONTA	7
A HIENA E O GALA-GALA	7
CORAÇÃO-SOZINHO	8
O FIM DA AMIZADE ENTRE O CORVO E O COELHO	8
O CÁGADO E O LAGARTO	9
O CARACOL E A IMPALA	10
O GATO E O RATO	10
O ELEFANTE, ESCRAVO DO COELHO	11
PITA PONJE	13
PORQUE É QUE OS CÃES SE CHEIRAM UNS AOS OUTROS	13
ERA UMA VEZ.....	14
O PORCO E O MILHAFRE	14
A CRIAÇÃO DO MUNDO	14
O LEÃO E O COELHO.....	15
A CABAÇA UNIVERSAL.....	15
O CELEIRO DO MUNDO	16

A LUA FEITICEIRA E A FILHA QUE NÃO SABIA PILAR

A lua tinha uma filha branca e em idade de casar. Um dia apareceu-lhe em casa um monhé pedindo a filha em casamento. A lua perguntou-lhe:

— Como pode ser isso, se tu és monhé? Os monhés não comem ratos nem carne de porco e também não apreciam cerveja... Além disso, ela não sabe pilar...

O monhé respondeu:

— Não vejo impedimento porque, embora eu seja monhé, a menina pode continuar a comer ratos e carne de porco e a beber cerveja... Quanto a não saber pilar, isso também não tem importância pois as minhas irmãs podem fazê-lo.

A lua, então, respondeu:

— Se é como dizes, podes levar a minha filha que, quanto ao mais, é boa rapariga. O monhé levou consigo a menina. Ao chegar a casa foi ter com a sua mãe e fez-lhe saber que a menina com quem tinha casado comia ratos, carne de porco e bebia cerveja, mas que era necessário deixá-la à-vontade naqueles hábitos. Acrescentou também que ela não sabia pilar mas que as suas irmãs teriam a paciência de suprir essa falta.

Dias depois, o monhé saiu para o mato à caça. Na sua ausência, as irmãs chamaram a rapariga (sua cunhada) para ir pilar com elas para as pedras do rio e esta desatou a chorar.

As irmãs censuraram-na:

— Então tu pões-te a chorar por te convidarmos a pilar?... Isso não está bem! Tens de aprender porque é trabalho próprio das mulheres.

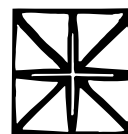
E, sem mais conversas, pegaram-lhe na mão e conduziram-na ao lugar onde costumavam pilar. Quando chegaram ao rio puseram-lhe o pilão na frente, entregaram-lhe um maço e ordenaram que pilasse.

A rapariga começou a pilar, mas com uma mágoa tão grande que as lágrimas não paravam de lhe escorrer pela cara. Enquanto pilava ia-se lamentando:

— Quando estava em casa da minha mãe não costumava pilar... Ao dizer estas palavras, a rapariga, sempre a pilar e juntamente com o pilão, começou a sumir-se pelo chão abaixo, por entre as pedras que, misteriosamente, se

afastavam. E foi mergulhando, mergulhando... até desaparecer.

Fonte: História africanas. Janelas! 2- contar. <http://caracol.imaginario.com/estorias/index.htm>



A MENINA QUE NÃO FALAVA

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

— Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. O rapaz desistiu e Foi-se embora.

Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna, mas, ninguém conseguiu fazê-la falar.

O último pretendente era um rapaz sujo, pobre e insignificante. Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam:

— Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazê-la falar, tu é que vais conseguir? Nem penses nisso!

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam. O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sachar. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sachá-los.

Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe:

— O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão. Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

Fonte: Histórias africanas. Janelas! 2- contar. <http://caracol.imaginario.com/estorias/index.html>

A GAZELA E O CARACOL

Uma gazela encontrou um caracol e disse-lhe:

— Tu, caracol, és incapaz de correr, só te arrastas pelo chão.

O caracol respondeu:

— Vem cá no Domingo e verás!

O caracol arranjou cem papéis e em cada folha escreveu: «Quando vier a gazela e disser "caracol", tu respondes com estas palavras: "Eu sou o caracol"». Dividiu os papéis pelos seus amigos caracóis dizendo-lhes:

— Leiam estes papéis para que saibam o que fazer quando a gazela vier.

No Domingo a gazela chegou à povoação e encontrou o caracol. Entretanto, este pedira aos seus amigos que se escondessem em todos os caminhos por onde ela passasse, e eles assim fizeram.

Quando a gazela chegou, disse:

— Vamos correr, tu e eu, e tu vais ficar para trás!

O caracol meteu-se num arbusto, deixando a gazela correr. Enquanto esta corria ia chamando:

— Caracol!

E havia sempre um caracol que respondia:

— Eu sou o caracol.

Mas nunca era o mesmo por causa das folhas de papel que foram distribuídas.

A gazela, por fim, acabou por se deitar, esgotada, morrendo com falta de ar. O caracol venceu, devido à esperteza de ter escrito cem papéis.

Fonte: <http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto1.htm>

O HOMEM CHAMADO NAMARASOTHA

Havia um homem que se chamava Namarasotha. Era pobre e andava sempre vestido com farrapos. Um dia foi à caça. Ao chegar ao mato, encontrou uma impala morta. Quando se preparava para assar a carne do animal apareceu um passarinho que lhe disse:

— Namarasotha, não se deve comer essa carne. Continua até mais adiante que o que é bom estará lá.

O homem deixou a carne e continuou a caminhar. Um pouco mais adiante encontrou uma gazela morta. Tentava, novamente, assar a carne quando surgiu outro passarinho que lhe disse:

— Namarasotha, não se deve comer essa carne. Vai sempre andando que encontrarás coisa melhor do que isso.

Ele obedeceu e continuou a andar até que viu uma casa junto ao caminho. Parou e uma mulher que estava junto da casa chamou-o, mas ele teve medo de se aproximar, pois estava muito esfarrapado.

— Chega aqui! insistiu a mulher.

Namarasotha aproximou-se então.

— Entra, disse ela.

Ele não queria entrar porque era pobre. Mas a mulher insistiu e Namarasotha entrou, finalmente.

— Vai te lavar e veste estas roupas, disse a mulher.

E ele lavou-se e vestiu as calças novas. Em seguida, a mulher declarou:

— A partir deste momento esta casa é tua. Tu és o meu marido e passas a ser tu a mandar.

E Namarasotha ficou, deixando de ser pobre.

Um certo dia havia uma festa a que tinham de ir. Antes de partirem para a festa, a mulher disse a Namarasotha:

— Na festa a que vamos quando dançares não deverás virar-te para trás.

Namarasotha concordou e lá foram os dois. Na festa bebeu muita cerveja de farinha de mandioca e embriagou-se. Começou a dançar ao ritmo do batuque. A certa altura a música tornou-se tão animada que ele acabou por se virar.

E no momento em que se virou, ficou como estava antes de chegar à casa da mulher: pobre e esfarrapado.

NOTA: Todo o homem adulto deve casar-se com uma mulher de outra linhagem. Só assim é respeitado como homem e tido como «bem vestido». O adulto sem mulher é «esfarrapado e pobre». A verdadeira riqueza para um homem é a esposa, os filhos e o lar.

Os animais que Namarasotha encontrou mortos simbolizam mulheres casadas e se comesse dessa carne estaria a cometer adultério. Os passarinhos representam os mais velhos, que o aconselham a casar com uma mulher livre. Nas sociedades matrilineares do Norte de Moçambique (donde provém este conto), são os homens que se integram

nos espaços familiares das esposas. Nestas sociedades, o chefe de cada um destes espaços é o tio materno da esposa. O homem casado tem de sujeitar-se às normas e regras que este traça. Se se revolta e impõe as suas, perde o seu estatuto de marido e é expulso, ficando cada cônjuge com o que levou para o lar. Cumprindo sempre o que os passarinhos lhe iam dizendo durante a sua viagem em busca de «riqueza», Namarasotha acabou por encontrá-la: casou com uma mulher livre e obteve um lar. Mas por não ter seguido o conselho da mulher, perdeu o estatuto dignificante de homem adulto e casado.

Fonte: Eduardo Medeiros (org.). Contos Populares Moçambicanos, 1997.

<http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto8.html>



O RATO E O CAÇADOR

Antigamente havia um caçador que usava armadilhas, abrindo covas no chão. Ele tinha uma mulher que era cega e fizera com ela três filhos.

Um dia, quando visitava as suas armadilhas, encontrou-se com um leão:

- Bom dia, senhor! Que fazes por aqui no meu território? (perguntou o leão)
- Ando a ver se as minhas armadilhas apanharam alguma coisa, respondeu o homem.
- Tu tens de pagar um tributo, pois esta região pertence-me. O primeiro animal que apanhares é teu e o segundo meu e assim sucessivamente.

O homem concordou e convidou o leão a visitar as armadilhas, uma das quais tinha uma presa uma gazela. Conforme o combinado, o animal ficou para o dono das armadilhas.

Passado algum tempo, o caçador foi visitar os seus familiares e não voltou no mesmo dia. A mulher, necessitando de carne, resolveu ir ver se alguma das armadilhas tinha presa. Ao tentar encontrar as armadilhas, caiu numa delas com a criança que trazia ao colo.

O leão que estava à espreita entre os arbustos, viu que a presa era uma pessoa e ficou à espera que o caçador viesse para este lhe entregar o animal, conforme o contrato.

No dia seguinte, o homem chegou a sua casa e não encontrou nem a mulher nem o filho mais novo. Resolveu, então, seguir as pegadas que a sua mulher tinha deixado, que o guiaram até à zona das armadilhas. Quando aí chegou, viu que a presa do dia era a sua mulher e o filho. O leão, lá de longe, exclamou ao ver o homem a aproximar-se:

- Bom dia amigo! Hoje é a minha vez! A armadilha apanhou dois animais ao mesmo tempo. Já tenho os dentes afiados para os comer!
- Amigo leão, conversemos sentados. A presa é a minha mulher e o meu filho.
- Não quero saber de nada. Hoje a caçada é minha, como rei da selva e conforme o combinado, protestou o leão.

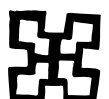
De súbito, apareceu o rato.

- Bom dia titios! O que se passa?, Disse o pequeno animal.
- Este homem está a recusar-se a pagar o seu tributo em carne, segundo o combinado.
- Titio, se concordaram assim, porque não cumpres? Pode ser a tua mulher ou o teu filho, mas deves entregá-los. Deixa isso e vai-te embora, disse o rato ao homem. Muito contrariado, o caçador retirou-se do local da conversa, ficando o rato, a mulher, o filho e o leão.
- Ouve, tio leão, nós já convencemos o homem a dar-te as presas. Agora deves-me explicar como é que a mulher foi apanhada. Temos que experimentar como é que esta mulher caiu na armadilha (e levou o leão para perto de outra armadilha).

Ao fazer a experiência, o leão caiu na armadilha.

Então, o rato salvou a mulher e o filho, mandando-os para casa. A mulher, vendo-se salva de perigo, convidou o rato a ir viver para a sua casa, comendo tudo o que ela e a sua família comiam. Foi a partir daqui que o rato passou a viver em casa do homem, roendo tudo quanto existe...

Fonte: <http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto9.html>



OS SEGREDOS DA NOSSA CASA

Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atizar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

O cão queixou-se:

— A senhora, por favor, não me queime!

Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira...

Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida. Mas o pau também falou:

— O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas o que se tinha passado com o cão e o pau.

Mas, quando ia sair de casa a porta, com um ar zangado, avisou-a:

— Não saias daqui e pensa no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpa e repartiu o almoço com ele.

Comentário : é fundamental sabermos conviver uns com os outros, assegurar o respeito

Fonte: "Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas", org. de Aldónio Gomes, 1999

<http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto7.html>

TODOS DEPENDEM DA BOCA...

Certo dia, a boca, com ar vaidoso, perguntou:

— Embora o corpo seja um só, qual é o órgão mais importante?

Os olhos responderam:

— O órgão mais importante somos nós: observamos o que se passa e vemos as coisas.

— Somos nós, porque ouvimos — disseram os ouvidos.

— Estão enganados. Nós é que somos mais importantes porque agarramos as coisas, disseram as mãos.

Mas o coração também tomou a palavra:

— Então e eu? Eu é que sou importante: faço funcionar todo o corpo!

— E eu trago em mim os alimentos! — interveio a barriga.

— Olha! Importante é aguentar todo o corpo como nós, as pernas, fazemos.

Estavam nisto quando a mulher trouxe a massa, chamando-os para comer. Então os olhos viram a massa, o coração emocionou-se, a barriga esperou ficar farta, os ouvidos escutavam, as mãos podiam tirar bocados, as pernas andaram... mas a boca recusou comer. E continuou a recusar.

Por isso, todos os outros órgãos começaram a ficar sem forças...

Então a boca voltou a perguntar:

— Afinal qual é o órgão mais importante no corpo?

— És tu boca, responderam todos em coro. Tu és o nosso rei!

FONTE: "Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas", org. de Aldónio Gomes, 1999

<http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto5.html>



UMA IDÉIA TONTA

Um dia a hiena recebeu convite para dois banquetes que se realizavam à mesma hora em duas povoações muito distantes uma da outra. Em qualquer dos festins era abatido um boi, carne que a hiena é especialmente gulosa.

— Não há dúvida de que tenho de assistir aos dois banquetes, pois não quero desconsiderar os anfitriões. Também as oportunidades de comer carne de boi não são muitas... mas como hei-de fazer, se as festas são em lugares tão distantes um do outro?

A hiena pensou, pensou... e, de repente, bateu com a mão na testa.

— Descobri! Afinal é simples... —disse ela, muito contente com a sua esperteza.

Saiu à pressa de casa. Assim que chegou ao local donde partiam os dois caminhos que levavam aos locais das festas, começou a andar pelo caminho que ficava do lado direito com a perna direita e pelo caminho que ficava do lado esquerdo, com a perna esquerda.

Pensava chegar deste modo a ambas as festas ao mesmo tempo. Mas começou a ficar admirada de lhe custar tanto caminhar dessa maneira. E fez tanto esforço, que se sentiu dividir em duas de alto a baixo.

Coitada, lá a levaram ao médico que a proibiu, desde logo, de comer carne de boi durante um mês.

—É muito tonta a hiena!

Fonte: "Eu conto, tu contas, ele conta... Estórias africanas", org. de Aldónio Gomes, 1999

<http://www.terravista.pt/Bilene/4619/Conto6.html>



A HIENA E O GALA-GALA

A Hiena estabeleceu relações de amizade com o Gala-Gala.

Um dia, a Hiena preparou cerveja e foi chamar o seu amigo lagarto:

— Vamos beber cerveja.

Foram. O Gala-Gala embriagou-se. Perguntou à sua amiga Hiena:

— Amiga, tu que gostas tanto de carne, se me encontrares morto no caminho, és capaz de me comer?

— Não, isso nunca. Eu quero ser tua amiga.

O lagarto embriagou-se muito e despediu-se:

— Amiga, vou para minha casa.

— Está bem.

O Gala-Gala partiu. A meio do caminho, deitou-se a dormir. A Hiena pensou: "O meu amigo bebeu muito. É melhor ir ver se ele chega bem a casa". Encontrou-o no caminho, deitado. Levantou-o:

— É sono, amigo? É embriaguez?

Segurou-o, virando-o. O lagarto calou-se, sem respirar. A Hiena agarrou nele e atirou-o para o mato. Depois saiu do caminho, foi ver onde é que o Gala-Gala tinha caído e encontrou-o.

— O meu amigo morreu.

Cortou lenha, fez fogo, e agarrou no lagarto para o assar na fogueira. O Gala-Gala, sentindo o calor do fogo, bateu com a cauda nos olhos da Hiena e subiu, depressa, para uma árvore.

A amizade entre eles acabou ali. O Gala-Gala passou a viver nas árvores e a Hiena continuou a andar no chão, para nunca mais se encontrarem.

Fonte: História africanas. Janelas! 2- contar. <http://caracol.imaginario.com/estorias/index.html>

CORAÇÃO-SOZINHO

O Leão e a Leoa tiveram três filhos; um deu a si próprio o nome de Coração-Sozinho, o outro escolheu o de Coração-com-a-Mãe e o terceiro o de Coração-com-o-Pai.

Coração-Sozinho encontrou um porco e apanhou-o, mas não havia quem o ajudasse porque o seu nome era Coração-Sozinho.

Coração-com-a-Mãe encontrou um porco, apanhou-o e sua mãe veio logo para o ajudara matar o animal. Comeram-no ambos.

Coração-com-o-Pai apanhou também um porco. O pai veio logo para o ajudar. Mataram o porco e comeram-no os dois.

Coração--Sozinho encontrou outro porco, apanhou-o mas não o conseguia matar.

Ninguém foi em seu auxílio. Coração-Sozinho continuou nas suas caçadas, sem ajuda de ninguém. Começou a emagrecer, a emagrecer, até que um dia morreu.

Os outros continuaram cheios de saúde por não terem um coração sozinho.

Fonte: Contos Moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/leao.html>



O FIM DA AMIZADE ENTRE O CORVO E O COELHO

O Corvo era muito amigo do Coelho. Combinaram, um dia, que cada um deles transportasse o companheiro às costas, indo de povoação em povoação, para dar a conhecer às pessoas a amizade que os unia.

O Corvo começou a carregar o Coelho. Andou com ele às costas pelas aldeias e a gente, quando o via, perguntava-lhe:

— Ó Corvo, que trazes tu aí?

— Trago um amigo meu que acaba de chegar de Namandicha.

Passou assim com ele por muitas terras.

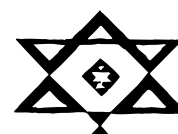
Chegou depois a vez de ser o Coelho a carregar com o Corvo. Ao passar por uma aldeia, os moradores perguntaram-lhe:

— Ó Coelho, que trazes tu às costas?

— Ora, ora, trago penas, penugem e um grande bico _ respondeu, a troçar, o Coelho.

O Corvo não gostou que o companheiro o gozasse daquela maneira, saltou logo para o chão e deixaram de ser amigos.

Fonte: Contos Moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/corvo.html>



O CÁGADO E O LAGARTO

Num ano em que havia pouca comida, o Cágado pegou no dinheiro que tinha economizado e foi a Nanhagaia onde comprou um saco de milho.

Quando voltava para casa, viu, a certa altura, um tronco de árvore atravessado no caminho. Como não conseguia passar por cima dele, atirou o saco de milho para o outro lado e depois foi dar a volta.

Quando estava a dar a volta, ouviu uma voz a gritar:

— Viva, viva, tenho um saco de milho que caiu lá de cima.

Era o Lagarto, que segurava o saco que o Cágado tinha atirado.

O Cágado protestou:

— Não. O saco é meu. Comprei-o agora e vou levá-lo para casa.

O Lagarto não quis ouvir nada e levou o saco para casa dele, dizendo:

— Eu não o roubei a ninguém. Achei-o. Vou comer o milho porque encontrei o saco.

O Cágado ficou muito zangado mas não podia fazer nada. Cheio de fome, no dia seguinte foi com os filhos ver se encontrava alguma coisa para comer.

A certa altura, viram o rabo do Lagarto que saía de dentro de um buraco, só com o rabo de fora.

O Cágado agarrou no rabo e numa faca e preparou-se para o cortar. Depois de cortado, levou-o para casa e comeu-o com os filhos.

O Lagarto que, entretanto tinha conseguido sair do buraco, foi queixar-se ao responsável da aldeia:

— O Cágado cortou-me o rabo. Mande-o chamar para ele dizer por que é que me cortou o rabo.

O responsável convocou o Cágado e perguntou-lhe:

— É verdade que tu cortaste o rabo ao Lagarto?

O Cágado, que era muito esperto, disse:

— É verdade que eu encontrei um rabo perto de um buraco e o levei para casa para comer, mas não era de ninguém. Eu não vi mais nada senão o rabo.

— Mas o rabo era meu — gritou o Lagarto — tens de o pagar.

O Cágado respondeu:

— Não, não pago. Eu fiz o mesmo que tu fizeste ontem. Tu ontem encontraste o meu saco de milho e comeste-o. Eu hoje encontrei o teu rabo e comi-o. Agora estamos pagos.

O responsável achou que ele tinha razão e mandou-os embora.

Fonte: Contos Moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/cagado.html>



O CARACOL E A IMPALA

Uma Impala, muito vaidosa da sua agilidade e da rapidez com que corria, encontrou um Caracol e começou a fazer pouco dele:

— Ó Caracol, tu não és capaz de correr. Que vergonha, só és capaz de te arrastar pelo chão.

O Caracol, que era esperto, resolveu enganar a Impala. Por isso desafiou-a:

— Vem cá no próximo domingo e vamos fazer uma corrida por esta estrada, desde aqui até ao rio.

— Uma corrida comigo? — perguntou, espantada, a Impala. — Está bem, cá estarei.

E afastou-se a rir, pensando que o Caracol era maluco por querer correr com ela. O Caracol, entretanto, como tinha ido à escola e sabia ler e escrever, escreveu uma carta a todos os caracóis amigos dele que moravam ao longo da estrada até ao rio. Nessa carta ele dizia aos amigos para, no domingo, estarem junto à estrada e, quando passasse a Impala, se ela chamasse pelo Caracol, eles responderem: "Cá estou eu, o Caracol." No domingo, a Impala encontrou-se com o Caracol e, a rir muito, disse-lhe:

— Vamos lá então correr os dois e ver quem chega primeiro ao rio.

O Caracol deixou-a partir a correr e escondeu-se num arbusto. A Impala corria e, de vez em quando, gritava:

—Caracol, ó Caracol, onde é que tu estás?

E havia sempre um dos amigos do Caracol que estava ali perto e respondia:

— Cá estou eu, o Caracol.

A Impala, que julgava ser sempre o mesmo Caracol que ia a correr com ela, corria cada vez mais, mas havia em todos os momentos um Caracol para responder quando ela chamava. De tanto correr, a Impala acabou por se deitar muito cansada e morrer com falta de ar. O Caracol ganhou a aposta porque foi mais esperto que a Impala e tinha ido à escola junto com os outros caracóis e todos sabiam ler e escrever. Só assim se puderam organizar para vencer a Impala.

Fonte: Contos moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/caracol.html>

O GATO E O RATO

O Gato e o Rato tornaram-se amigos. Um dia combinaram fazer uma viagem a uma terra distante. Pelo caminho tinham de atravessar um rio.

— Por onde passaremos? — perguntou o Gato — O rio leva muita água.

O Rato respondeu:

— Não faz mal. Fazemos um barco.

O Gato concordou e logo ali os dois colheram uma grande raiz de mandioca e fizeram um barco com ela. Meteram o barco na água, entraram para ele e começaram a atravessar o rio. Pelo caminho começaram a ter fome e repararam que não tinham levado comida. O Gato perguntou então:

— O que é que nós havemos de comer?

— Não te preocupes, amigo Gato, porque podemos comer o nosso próprio barco.

E os dois começaram a comer o barco. O Gato pouco comeu porque a mandioca não lhe sabia bem, mas o Rato comeu, comeu, comeu até que acabou por furar o barco, que foi ao fundo. O Gato e o Rato tiveram que nadar até à margem, mas, enquanto o Rato nadava bem e depressa, o Gato que mal sabia nadar, só com muita dificuldade e muito envergonhado é que conseguiu chegar a terra. O Gato olhou então para o Rato e viu que ele estava com a barriga bem cheia por causa da mandioca, enquanto ele continuava cheio de fome. Por isso lembrou-se de comer o Rato.

— Sinto muita fome, Rato. Vou ter de te comer.

— Está bem — disse o Rato espertalhão — mas olha que eu estou muito sujo. É melhor ir primeiro lavar-me. Espera aí.

O Rato afastou-se e desapareceu. O Gato ainda hoje está à espera.

Fonte: Contos Moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/gato1.html>

O ELEFANTE, ESCRAVO DO COELHO

Uma vez, o Coelho andava a passear e encontrou um grande ajuntamento de animais sentados à sombra de uma árvore. Cheio de curiosidade, quis logo saber do motivo daquela reunião e perguntou:

— Então o que é que se passa? Que novidades há por aqui?

Um dos animais explicou:

— Trata-se de um milando e estamos à espera do Elefante, o nosso chefe, para o resolver.

— O quê?... O quê?... O Elefante vosso chefe? — perguntou o Coelho, franzindo a testa.

E continuou:

— O Elefante não é chefe nenhum! O Elefante é meu escravo e leva-me sempre às costas a qualquer parte que eu queira!

Alguns do grupo admiraram-se:

— Como pode o Elefante ser teu escravo se tu és tão pequeno?

— O ser pequeno nada tem a ver com o meu valor — replicou o Coelho.

E, em tom autoritário, acrescentou:

— Já vos disse e torno a dizer que o Elefante não é chefe, é meu escravo, e por isso, vocês podem ir embora daqui, que nesta coisa de resolver milandos ele não tem nada que se meter. Dito isto, o Coelho dirigiu os passos para sua casa e muitos dos animais foram-se também embora dali por terem acreditado nas suas palavras.

Algum tempo depois, chegou o Elefante e perguntou:

— Então onde estão os outros que aqui faltam? Atrasaram-se na viagem?

— Não! — explicaram-lhe os poucos animais que lá tinham ficado. — Os que aqui faltam foram-se embora há pouco tempo, porque passou neste lugar o Coelho e disse-nos que tu, Elefante, não és chefe, mas sim, um escravo dele.

O Elefante tremeu todo de indignação e, muito furioso, resmungou:

— Ah, Coelho malandro! Coelho vigarista!... Deixa lá que, hoje mesmo, me darás conta de palavras tão injuriosas e tão vis!...

Entretanto, o Coelho chegou a casa e fingiu-se doente. A mulher, cheia de pena, foi estender uma esteira e o Coelho deitou-se nela.

Daí a momentos chegou a Impala, que era cunhada do Coelho, avisando-o de que o Elefante já se aproximava para lhe fazer mal. E, transmitido o recado, retirou-se.

O Coelho, manhoso, entrou então em grandes convulsões, soltando, ao mesmo tempo, gemidos tão lastimosos que era mesmo de partir o coração.

Chegou o Elefante que se pôs a roncar, muito mal disposto:

— Ó Coelho, ó malandro, salta depressa cá para fora, que tens de me acompanhar.

O Coelho murmurou, a gemer e entrecortando as palavras:

— Oh! Por... fa... vor! Des... cul... pe-me... porque eu... não... es...tou... bom!... dói-me mui...to... o cor... po to...do! Isto foi... um mal que me deu de re... pen... te...

— Não quero saber! Seja como for, tens de vir comigo ao lugar onde estão reunidos os outros animais, porque ouvi dizer que tiveste o descaramento de enxovalhar o meu título de chefe e de dizer que eu sou teu escravo — replicou o Elefante.

— Tens to... da a ra... zão... mas o cer... to é que eu... não aguen... to ca... mi... nhar... para te po... der... acom... pa... nhar!

— Já te disse, tens de vir comigo, custe o que custar, mesmo que eu tenha de te levar às costas — ordenou o Elefante.

— Então só se for desse mo... do, mas fi... ca... sa... ben... do que mes... mo assim a via... gem me vai ser muito... pe... no... sa.

E, logo a seguir, chamou a mulher e disse, chorosamente:

— Dá cá a minha ca... mi... sa nova. Hi... Hi... Hi... Hi... vai tam... bém bus... car as minhas cal... ças no... vas.

E, depois:

— Já a... go... ra, traz tam... bém os meus sa... pa... tos no... vos! É que po... de a... con... te... cer que eu morra e, ao me... nos, que... ro morrer com os meus tra... jes mais ricos.

Uma vez o Coelho vestido e calçado, o Elefante abaixou-se e o Coelho saltou-lhe para as costas, onde se instalou muito bem instalado.

Estava um calor de rachar pedras. Antes de partir, o Coelho gritou para a mulher:

— Ó mulher, dá-me cá a sombrinha porque está muito calor... e posso agravar os meus males com alguma insolação.

O Elefante, em grandes e rápidas passadas, pôs-se a caminho da reunião. Quando se aproximavam do lugar, o Coelho, deixando de fingir que estava doente, ensaiou uma atitude de pessoa importante e esboçou um sorriso feliz.

Os outros animais ao verem o Coelho assim todo solene e bem apresentado, às costas do Elefante, começaram todos com grandes exclamações:

— Olha! Olha!... Sempre é verdade o que o Coelho dizia. O Elefante é escravo dele... pois que o traz às costas.

Quando o Elefante parou, o Coelho deu um salto, muito ágil e elegante, para o chão e, tomando a palavra, dirigiu-se assim aos outros animais:

— Estão a ver?... Estão a ver?... Eu não vos dizia que o Elefante é o meu escravo?

Todos os animais presentes romperam em grande gritaria, clamando:

— É verdade, sim senhor, é verdade. Tu, Elefante, não és chefe nenhum!... És escravo do Coelho pois o carregas às costas.

O Elefante só então deu pelo acto de estupidez que cometera e, cheio de vergonha, desandou dali para fora.

Fonte: Contos Moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/elefante.html>



PITA PONJE

Quando um bebê nascia, tinha que ficar pelo menos três a quatro semanas dentro de casa e a mãe desse bebê não podia falar com pessoas de fora. Também a própria mãe tinha que ficar escondida, assim, dentro da cubata.

Até esta altura, o bebê estava sem nome. Só quando a ponta do umbigo do bebê tivesse secado e tivesse caído é que se podia atribuir o nome ao bebê. E esta atribuição do nome ao bebê era especial, porque geralmente tinha que se fazer uma festa, a "Pita pondje".

No dia de "pita pondje", o pai do bebê tinha que ter pelo menos um cabrito, e a família materna do bebê tinha que preparar bebidas fermentáveis, para servir como alimentação no momento do festejo.

Quando a família do marido e da mulher tivessem chegado, o pai do bebê ia para dentro da cubata, saía com o bebê, punha-o por cima da cubata e dizia o nome completo do bebê - Mekondjo Mwetjihanga Mbutu.

Entretanto, este nome era divulgado em voz alta para que toda gente o ouvisse.

Finalmente, depois do anúncio do nome, era servida às pessoas a festa que se tinha preparado.

Fonte: Mbutu Tjipena Estudante da Universidade da Namíbia

<http://www.instituto-camoes.pt/CVC/projtelecolab/tintalusa/primeironumero/tl7.htm>

PORQUE É QUE OS CÃES SE CHEIRAM UNS AOS OUTROS

Há muito tempo, quando os cães ainda não tinham sido domesticados pelo homem, viviam organizados em dois países. Cada país tinha um chefe e cada chefe gabava-se de ser mais poderoso que o outro. Um desses chefes quis um dia casar com a irmã do outro. Mas, como eles estavam sempre zangados, o outro respondeu:

— Não. Não quero que sejas o marido da minha irmã.

O chefe que queria casar ficou furioso, porque gostava muito da irmã do outro chefe.

Por isso mandou um dos seus servidores à terra do outro para lhe dizer:

— Se me recusas a tua irmã eu vou aí com o meu exército e destruo tudo. Quando o servidor se preparava para partir, os conselheiros do chefe viram que ele estava todo sujo. Não tinha lavado a cara e tinha a cauda muito suja.

Ora era costume naqueles países uma pessoa ir limpa e bem apresentada quando ia à terra dos pais da noiva pedir-lhes a filha em casamento. Por isso perguntaram-lhe:

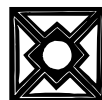
— Como se compreende que não te tenhas lavado?

Ele ficou muito envergonhado e os conselheiros encarregaram outros servidores de o lavarem muito bem e de lhe deitarem perfume na cauda para que ele cheirasse bem.

Quando o mensageiro ia pelo caminho, sentia-se muito vaidoso por ir tão limpo e com a cauda perfumada. Por isso esqueceu-se do que ia fazer. Começou a procurar uma esposa para ele próprio e desapareceu sem cumprir a sua tarefa até hoje.

É por isso que, desde essa altura, os cães andam todos sempre muito ocupados a cheirar a cauda uns dos outros para ver se encontram o mensageiro que desapareceu.

Fonte: Contos Moçambicanos: INLD, 1979 <http://www.terravista.pt/Bilene/1494/caes.html>



ERA UMA VEZ...

Era uma vez... Numa aldeia havia uma senhora com duas filhas, uma chamada Kissanga e outra Binga. Ela era uma senhora que fazia o papel de pai e mãe.

Nesta mesma região havia certos "Maquícis". Maquícis é uma palavra que em Kimbundo significa homens canibais ou seres gigantescos. As pessoas da aldeia, por vezes, eram presas por estes mesmos "Maquícis".

A mãe, não tendo nenhum meio de sobrevivência a não ser lavar, arriscava-se a ir lavar e colher a alimentação para as suas filhas, que eram pequenas.

Certo dia, quando ela caminhava para a lava, deu de encontro com estes seres que a raptaram e a levaram para o local onde eles viviam, com o objectivo de a comer.

As filhas, vendo que a mãe não aparecia, decidiram seguir pelo mesmo caminho para ir ao encontro da mãe. Durante a caminhada, elas deram de encontro com várias pessoas da aldeia, que não foram capazes de dizer se haviam visto a mãe delas.

As meninas, desesperadas por não encontrarem a mãe, perguntavam por ela até mesmo aos animais. Até que uma pomba lhes disse onde estava a mãe delas. Sendo assim, pediram à pomba para salvar a mãe e a pomba assim fez.

A mãe e as filhas voltaram a ser muito felizes.

Fonte: Augusto Jacinto Kihunga Estudante da Universidade da Namíbia

<http://www.instituto-camoes.pt/CVC/projtelecolab/tintalusa/primeironumero/tl7.html>

O PORCO E O MILHAFRE

O Porco e o Milhafre eram dois inseparáveis amigos. O porco invejava as asas do Milhafre e insistia continuamente com o amigo para que lhe arranjasse umas iguais para voar também.

O Milhafre dispôs-se a fazer-lhe a vontade. Conseguiu arranjar penas de outra ave e, com cera, colou-as nos ombros e nas pernas do seu amigo Porco. Este ficou radiante e começou a voar ao lado do seu amigo Milhafre.

Quis acompanhá-lo até às grandes alturas, mas a cera começou a derreter-se com o calor e as penas foram caindo uma a uma. À medida que as penas se despegavam, ia o porco descendo, contrariado. Quando as penas acabaram de se soltar, o porco caiu e bateu no chão com o focinho. E com tanta força bateu, que este, ficou achatado.

Zangou-se o Porco com o Milhafre dizendo que tinha querido matá-lo, porque grudara mal as asas.

Desde essa ocasião deixou de ser amigo do Milhafre e, quando o vê pairar no alto, dá um grunhido e olha para ele desconfiado. E aqui está a razão porque o Porco tem o focinho achatado e nunca mais quis voar.

Fonte: Contos tradicionais africanos. <http://www.uarte.mct.pt>.

A CRIAÇÃO DO MUNDO

No princípio, o Deus único criou o Sol e a Lua, que tinha a forma de cântaros, a sua primeira invenção. O Sol é branco e quente, rodeado por oito anéis de cobre vermelho, e a Lua, de forma idêntica tem anéis de cobre branco. As estrelas nasceram de pedras que Deus atirou para o espaço. Para criar a Terra, Deus espremeu um pedaço de barro e, tal como fizera com as estrelas, arremessou-o para o espaço, onde ele se achatou, com o Norte no topo e o restante espalhado em diferentes regiões, à semelhança do corpo humano quando está deitado de cara para cima.

Mito africano de origem Dogon reveladas por um velho cego, Ogotemmêli, escolhido pela tribo para contar aos seus amigos europeus os segredos da mitologia dos Dogons, relatado por Parrinder em África.

Fonte:<http://www.emack.com.br/sao/webquest/sp/2--4/africa/processo.htm>

O LEÃO E O COELHO

O Leão gostava de uma rapariga muito bonita. Decidido a casar, foi falar com os pais dela para obter o consentimento.

Os pais concordaram com o namoro, mas puseram uma condição ao Rei da Selva: que lhes trouxesse dois coelhinhos. O Leão aceitou.

Não tardou o Leão a encontrar o que pretendia - dois daqueles animaizinhos que estavam sós. Meteu-os dentro de um saco e dirigiu-se imediatamente para casa dos futuros sogros.

No caminho encontrou o Coelho, e pediu-lhe o acompanhasse para o ajudar a fazer a entrega do dote. O das grandes orelhas aceitou ao convite. Durante a viagem, o Coelho, animal esperto e muito curioso, resolveu averiguar o que o Rei dos animais levava no saco. Serviu-se então de um truque, fazendo um pedido:

- Senhor Leão, deixe-me ir fazer necessidades.

- Vai lá!

O Coelho aproveitou-se da ocasião e levou o saco consigo. Ficou muito espantado, quando viu os seus dois filhos lá dentro.

Decidiu vingar-se. Tirou os dois coelhinhos e encheu o saco com um enxame de abelhas. Chegadas a casa dos futuros sogros do Leão, este disse ao Coelho:

-Amigo Coelho, podias sair por um bocado, pois queria tratar de uns assuntos particulares com estes senhores.

- Com certeza, senhor Leão, eu saio, mas não será melhor fechar bem a porta e até amarrá-la para que eu não ouça as vossas importantes conversas?

A sugestão foi bem aceite e o Coelho amarrou, por fora, a porta, com cordas muito fortes. O Rei da Selva, abriu o saco, para que os futuros sogros vissem os dois coelhinhos. As abelhas começaram à ferroada a todos os que se encontravam dentro da casa. O Coelho regressou ao seu buraco, contente por ter salvo os filhos.

Fonte: Contos tradicionais africanos. <http://www.uarte.mct.pt>.

A CABAÇA UNIVERSAL

A cabaça é um fruto do gênero do melão ou da abóbora, cuja casca grossa o torna útil para os homens, depois que se lhe retirar a polpa macia. Serve como jarro de água ou, se for cheio com sementes secas, dá para chocalho musical. Em alguns templos colocam uma cabaça redonda cortada ao meio horizontalmente, para receber pequenas oferendas ou objetos simbólicos. O fruto é muitas vezes decorado com gravuras, em ambas as metades, com enorme variedade de desenhos bem como figuras de seres humanos, animais e répteis.

Em Abomei, O Universo é considerado como uma esfera semelhante à cabaça redonda, e o horizonte fica nos bordos da união das metades do fruto. É aí que céu e mar se juntam, num local hipotético inacessível ao homem. A terra é considerada plana, flutuando dentro da grande esfera, tal como uma cabaça pequena pode flutuar dentro da maior. Dentro da esfera estão as águas, não só no horizonte como por debaixo da Terra. Este aspecto particular é explicado pelo fato de que se alguém fura o solo sempre descobre água, de modo que esta tem de rodear toda a terra. O Sol, a Lua e as estrelas movem-se na metade superior da cabaça.

Quando Deus criou todas as coisas, a sua primeira preocupação foi formar a Terra, fixando os limites das águas e unindo bem os bordos da cabaça. Uma cobra divina enrolou-se à volta da Terra, para agregar e manter firme, e levou Deus a vários lugares, estabelecendo a ordem e sustentando todas as coisas com os seus movimentos essenciais.

Fonte: Mito africano de origem Abomei antiga capital da República Popular de Benin, registrado por Parrinder em África. <http://www.emack.com.br/sao/webquest/sp/2--4/africa/processo.htm>

O CELEIRO DO MUNDO

Quando Deus criou a Terra, serviu-se de um punhado de argila que amassou muito bem antes de a lançar para o espaço, onde se espalhou de norte a sul e de leste a oeste. Deus utilizou a mesma técnica para criar as estrelas, servindo-se desta vez, de bolinhas menores, que começaram a cintilar quando as projetou em todas as direções.

Depois, aperfeiçoou a sua arte para formar o Sol e a Lua, enormes bolas de argila envolvidas numa espiral de cobre vermelho ou branco incandescente. Terra era deserta e árida: Deus enviou-lhe a chuva para a tornar fértil. Em seguida, uniu-se ao novo planeta para gerar os seres vivos que o povoariam. O primeiro filho foi um chacal feroz e os seguintes foram gêmeos meio homem, meio serpentes.

Decepcionado, Deus retomou a técnica da olaria e moldou quatro homens e quatro mulheres de argila, os quais foram enviados para a Terra. A missão dos oito primeiros seres humanos era simples: criar uma descendência numerosa e ensinar técnicas aos homens. A vida terrestre destes antepassados devia ter sido eterna, mas, passado algum tempo, Deus chamou-os para junto dele.

Regressaram, pois, ao Céu, onde Deus os proibiu de se encontrarem, pois receava vê-los a discutir. A fim de poder matar a fome, deu a cada um deles sementes de oito plantas comestíveis, como o milho, o arroz e o feijão; a última planta, a digitária, era tão pequena e tão pouco prática de preparar que o primeiro dos oito antepassados jurou nunca comer.

Ora, acontece que todas as sementes se esgotaram, exceto uma: a minúscula digitária. O primeiro antepassado decidiu-se, então, a consumir esta última semente. Tendo rompido o juramento, tornou-se indigno de permanecer no Céu. Preparou, pois, o regresso à Terra.

O primeiro antepassado recordou-se então do estado miserável em que viviam os homens que abandonara à superfície da Terra: como formigas, habitavam galerias escavadas no chão; não possuíam nenhum utensílio, só conheciam o fogo e, além disso, teriam tido muita dificuldade em trabalhar, pois seus membros, como os dos antepassados, eram desprovidos de articulações e moles como serpentes. Antes de abandonar o Céu, reuniu, portanto, tudo o que considerou útil para os homens. Em primeiro lugar, um macho e uma fêmea de espécies desconhecidas na Terra: galinhas, galos, carneiros, cabras, gatos, cães e até mesmo ratos e ratazanas; entre os animais selvagens, escolheu os antílopes, as hienas, os gatos bravos, os macacos, os elefantes; pensou também nas aves, nos insetos e nos peixes. Ocupou-se igualmente do mundo vegetal, começando pelo baobá, e, naturalmente, não se esqueceu das oito sementes comestíveis que tão bem conhecia.

Por fim, pretendia levar aos homens um fole, um martelo de madeira e uma bigorna, para os ensinar a fabricar instrumentos. Tudo isso era pesado e volumoso, mas ele teve uma idéia. Com "terra de céu", construiu uma pirâmide truncada, cuja base era circular e o topo quadrado. No interior, ordenou oito compartimentos, nos quais guardou as sementes comestíveis. Nas paredes do edifício, escavou quatro escadas, nas quais dispôs os animais e as plantas. Em seguida, espetou no cimo da pirâmide uma flecha, à volta da qual enrolou um fio. Prendeu a outra extremidade do fio a uma segunda flecha, que enviou para a abóboda celeste. Faltava-lhe fazer o mais perigoso: subtrair aos ferreiros do céu um pedaço de sol, a fim de levar o fogo aos homens. Introduziu-se na oficina dos ferreiros e, utilizando uma haste encurvada, apoderou-se de algumas brasas e de um fragmento de ferro incandescente, que ocultou no fole. Por fim, lançou seu curioso edifício para o vazio, ao longo de um arco-íris: enquanto o fio se desenrolava como uma serpentina, o antepassado mantinha-se de pé, pronto para se defender dos perigos do espaço.

O ataque veio do céu. Furiosos, os dois ferreiros atiraram archotes acesos sobre o ladrão de fogo, obrigando-o a proteger-se com a pele de carneiro que envolvia o fole. Contudo, o edifício descia cada vez mais depressa, deixando no seu rastro um feixe de estrelas... A aterragem foi violenta: o antepassado perdeu o equilíbrio, a bigorna e o martelo quebraram-lhe os membros frágeis, criando as articulações de que tanto carecia.

Observou-se imediatamente a mesma transformação no corpo de todos os homens. O antepassado delimitou então, o primeiro campo, construiu a primeira aldeia e a primeira forja. Em seguida, ensinou os homens a cavar com uma enxada. Os outros sete antepassados juntaram-se-lhe, possuindo cada um deles o segredo de várias técnicas, como o fabrico de sapatos ou de instrumentos musicais.

Fonte: Mito africano de origem Dogon citado por Ragache em A Criação do Mundo - Mitos e lendas.

<http://www.emack.com.br/sao/webquest/sp/2--4/africa/processo.htm>